

FAMÍLIAS INTER-RACIAIS: COLONIALIDADE E NARRATIVAS

LIANA BARCELOS PORTO¹; MARCIO CAETANO²

¹Universidade Federal de Pelotas/UFPEL– lianabarcelosporto@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas/UFPEL– mrvcaetano@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui-se como um recorte da pesquisa de doutoramento, ainda em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Por meio das narrativas produzidas pela experiência compartilhada entre pesquisadores e participantes-autores/as da pesquisa, vamos compoendo sentidos a questões raciais narradas que atravessam o cotidiano de pessoas que compõem famílias inter-raciais.

A presente pesquisa tem como objetivo central investigar narrativamente as histórias afetivo-familiares de pessoas que compõem famílias inter-raciais, atentando para os possíveis impactos dessas experiências na composição de suas vivências e construção de identidade racial. A investigação qualitativa orientou-se pelas premissas teórico-metodológicas da pesquisa narrativa, conforme os princípios dos autores Clandinin e Connelly (2015), que compreendem a narrativa enquanto fenômeno e método de pesquisa. Caracteriza-se como um estudo sobre/com famílias inter-raciais, buscando a compreensão da forma como as pessoas que compõem esse tipo de configuração familiar experimentam e constroem significados em torno da categoria raça, tentando visualizar se os princípios da colonialidade operam nas dinâmicas afetivo-familiares, atentando-se para a percepção dos marcadores¹ de estereótipos e hierarquia racial², observando se esses se apresentam nas relações familiares inter-raciais, relações que mesmo transpostas de afetividade, amorosidade e consanguinidade, podem também ser violentas e repressoras do ponto de vista racial.

Os/as participantes-autores/as são pessoas que se autodeclararam pertencentes a uma família inter-racial. Essa família inter-racial é aqui compreendida como uma família composta por pessoas negras e brancas, que aceitaram participar da pesquisa. Institui-se como textos de campo as transcrições das conversas, da experiência produzida com os/as participantes- autores/as de forma virtual (via WhatsApp) e presencialmente, além das notas de campo produzidas pelos pesquisadores.

Os/as participantes-autores/as não recebem um padrão/modelo para a realização do compartilhamento das suas experiências afetivo-familiares, eles/as foram convidados/as a narrar suas trajetórias familiares como se sentissem mais confortáveis, poderia ser através de um texto, de um áudio, de um poema, de músicas ou imagens. Esse movimento relacional entre os/as participantes-autores/as e pesquisadores é entreposto pela representação do espaço tridimensional (temporalidade, sociabilidade e lugar), conforme Clandinin e Connelly (2015).

Mediante a composição de sentidos das narrativas, que é fundamentada em um processo analítico-interpretativo, acontece a transição dos textos de campo para textos intermediários e, posteriormente, para textos de pesquisa. Os relatos narrativos dos/as participantes-autores/as mostram a importância das famílias inter-raciais olharem criticamente para suas experiências afetivos-familiares e refletirem como

¹ Esses marcadores construídos pela colonialidade são entendidos, aqui, como aqueles impostos pela lógica eurocêntrica, que demarca, que diz como “deve ser” as relações de: gênero, sexualidade, produção de conhecimento, relações políticas e econômicas.

² É um sistema de estratificação alicerçado na crença de que alguns grupos étnicos são superiores a outros.

essas experiências podem influenciar a produção de subjetividade, bem como a positivação ou negativação da identidade racial de pessoas negras.

2. METODOLOGIA

Ao adotar a proposição metodológica das narrativas é válido salientar que investigadores/as narrativos/as têm a necessidade de se debruçar sobre o que lhe é mais caro, compreender o fenômeno da experiência. Amparados pelas premissas de Clandinin e Connelly (2015), que fundamentam que a narrativa surge da experiência e acaba retornando a ela no movimento espiral de viver, contar, recontar e reviver. Esta pesquisa narrativa tem seu começo pelo fenômeno da experiência. Em outros métodos o começo se dá pela teoria, mas neste trabalho a base vem das experiências construídas com o movimento de produção das narrativas estabelecidas com as pessoas que formam famílias inter-raciais residentes no Sul do estado do Rio Grande do Sul, sendo assim, a pesquisa se desenvolve com pessoas que compõem famílias inter-raciais, sendo duas pessoas da cidade de Rio Grande, duas pessoas da cidade de Pelotas e duas pessoas da cidade de Canguçu.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em meio às dúvidas da maneira “adequada” de conduzir os primeiros pontos com relação às experiências vivenciadas, lembramos do que dizem Clandinin e Connelly (2015, p. 179): “Quando aprendemos a ser pesquisadores narrativos, percebemos que não existe uma única forma de transformar os textos de campo em textos de pesquisa”.

Pensando nessa multiplicidade de formas de transformação dos textos de campo para textos de pesquisa, entendo que o que estou produzindo neste momento, sejam textos intermediários ou textos provisórios que, conforme Clandinin e Connelly (2015, p. 179), “experimentamos vários meios de escrever textos provisórios, textos situados nos espaços entre textos de campo e a versão final dos textos de pesquisa”. O objetivo desta pesquisa é compreender a existência das famílias inter-raciais, sob o contexto da colonialidade e os impactos que seus marcadores causam na constituição das experiências afetivo-familiares.

Até o momento foram produzidos encontros narrativos com duas pessoas da cidade de Canguçu e uma pessoa da cidade de Rio Grande. Os relatos narrativos são impactantes e potentes, nas experiências narrativas aparecem pontos em comum, tais como: debate racial, hierarquia racial, colonialidade, branquitude e experiências afetivas. Estes atravessamentos estão sendo trabalhados no processo de composição de sentidos das narrativas onde nós investigadores dialogamos com as experiências produzidas com os/as participantes-autores/as da pesquisa e autores/as como: Fanon (2008), hooks (2020), Lorde (1977), Schucman (2018), Maldonado-Torres (2018).

É válido apresentarmos um breve entendimento sobre os pontos que emergiram das experiências narrativas, dito isso, debate racial é aqui entendido como algo fundamental para a emancipação dos sujeitos, visto que parte da compreensão de que questões raciais compõem os alicerces, porque constroem e sustentam a sociedade brasileira. Nossos modos de ser e estar no mundo, bem como nossos preconceitos são socialmente construídos e essa construção social está embasada em um processo histórico errôneo que corrobora com essa lógica e que mantém a população negra em uma posição de subalternidade³.

Com relação a hierarquia racial, compreendida aqui como um sistema que acredita e legitima a superioridade de alguns grupos étnicos⁴ em detrimento de outros

³ Estado ou sensação de dependência, de inferioridade, subserviência, subordinação.

⁴ Povo ou etnia, uma categoria de pessoas que se identificam devido a genealogia, ancestralidade ou cultura em comum.

grupos, é válido demarcar que a dinâmica que articula e organiza grupos raciais possui sua hierarquia estruturada pelo racismo. O conceito de colonialidade é concebido neste estudo como um fenômeno histórico e cultural que teve origem no colonialismo, percebe-se que mesmo após o “término” do mesmo, essa experiência colonial se mantém operante na sociedade brasileira atual. Para Ballestrin (2013), a lógica da colonialidade continua presente na produção e legitimação dos saberes, bem como nos modos de vida.

Passando pela conceituação de branquitude, que é entendida como uma posição de superioridade racial ocupada por pessoas brancas, demarcamos que a maneira como a maioria das pessoas brancas se comportam suscitam na perpetuação dos privilégios sociais, econômicos, políticos e subjetivos, o que contribui para a manutenção do racismo. Neste estudo utilizaremos as teorias críticas da branquitude para compreender melhor esse fenômeno. A caracterização do conceito experiências afetivas, surge da ideia de experiência larrosiana (LARROSA, 2011). Essa adjetivação afetivas ao conceito de experiência compreende: abraços, beijos, brigas, suporte financeiro, apoio, presenças, ausências, dores, entre outros. É um movimento que envolve pessoas pensando sobre suas experiências familiares.

4. CONCLUSÕES

Como pode-se observar nas narrativas produzidas, o racismo é um dos nós que atravessa as vivências desses participantes-autores/as. Por vezes, esse racismo aparece de forma declarada e violenta e em outros momentos performa zelo, super exigência, erotização ou infantilização. Outro nó que perpassa as vivências dos participantes-autores dessa pesquisa é a performatização da branquitude, ainda que os participantes-autores/as não a nomeiem, ela está ali quando apresentam elementos e características da branquitude como sendo um lugar de poder e norma, o que corrobora com a hierarquização racial.

Essas experiências oportunizam a reflexão sobre o racismo estrutural que tem sido amplamente discutido, mas continua operante em nossa sociedade brasileira. E por qual motivo continua tão atuante? Será que uma das respostas possíveis seja devido a colonialidade que continua manipulando muitas relações interpessoais, principalmente em certas instituições, tais como família e igreja. E essas, por sua vez, se “blindam” com a utilização do amor romântico, para não refletir/agir sobre essa questão. Por que esse silenciamento provocado pelo amor romântico é tão difícil de romper? Será que o silêncio mantido por famílias inter-raciais não opera como estratégia para proteger os privilégios da branquitude? Questões que no decorrer da costura poderão ser respondidas.

Pensamos que esse exercício constante de se deslocar de si, projetar-se no lugar do outro e então voltar a olhar para si, dessa vez consciente de seus próprios privilégios, faz parte de práticas antirracistas com as quais me comprometo. Acreditamos também que a desnaturalização do modelo de família é imprescindível para a compreensão organizacional de qualquer sociedade. Contemporaneamente, a realidade brasileira e sul-rio-grandense manifesta uma ampla variedade de configurações familiares, e o entendimento da família como uma categoria sociocultural é um dos elementos fundamentais para pensarmos sobre ela e até mesmo problematizarmos a concepção enganosa de sua falência. Destacamos ainda que temas, como luta, resistência, engajamento, letramento racial, antirracismo, consciência de classe, dentre outros, podem ser temas/disparadores para que famílias inter-raciais se posicionem criticamente, olhem para suas vivências afetivo-familiares e construam juntos novas formas de ser e estar no mundo. Sugerimos a realização de mais estudos sobre famílias inter-raciais visto a potência que esse campo apresenta,

para promover reflexões sobre amor, afeto, racismo, letramento racial, dentre tantos outros temas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLANDININ, J.; CONNELLY, M. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2015.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, v. 11, p. 89-117. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jyv/> Acesso em: 08 fev. 2023.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

GROSGOUEL, R. (orgs.). **Decolonialidade Negra e Pensamento Afro-Diaspórico**. Decolonialidade e Pensamento Afro Diaspórico. Belo Horizonte: Ed. Autentica, 2018.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

LORDE, A. A transformação do silêncio em linguagem e ação. Comunicação de Audre Lorde no painel “Lésbicas e literatura” da Associação de Línguas Modernas em 1977. **Portal Gelédes**, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MALDONADO-TORRES, N. **Analítica da colonialidade e decolonialidade: algumas dimensões básicas**. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.

SCHUCMAN, L. V. **Famílias Inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Salvador: EDUFBA, 2018.